



Veredas – Interacionismo Sociodiscursivo Vol. 21 , nº3 , 2017

Mecanismos enunciativos constitutivos da tessitura de textos multissemióticos: uma proposta de análise

Helena Ferreira (UFLA)¹
 Patrícia Vasconcelos Almeida (UFLA)²
 Jaciluz Dias (UFLA)³

RESUMO: O objetivo deste artigo é identificar quais são os elementos não verbais que evidenciam o posicionamento do agente-produtor, levantando hipóteses sobre os efeitos de sentido em duas campanhas educativas. Para tanto, realizamos uma pesquisa qualitativa e descritiva, tendo como aporte teórico a análise dos mecanismos enunciativos dessas campanhas, considerando tanto os signos verbais quanto os imagéticos, com base nos estudos sobre o ISD, de Bronckart (2012), e nos preceitos teóricos da GDV, com Kress e Van Leeuwen (2006). Dessa forma, corroboramos a afirmação de que os mecanismos enunciativos são elementos responsáveis pela coerência interativa dos textos e pelo esclarecimento de posicionamento enunciativo do autor.

Palavras-chave: Interacionismo Sociodiscursivo; Gramática do Design Visual; Multissemiose; Leitura.

Introdução

Nossa reflexão parte do pressuposto de que os modos de constituição das ações de linguagem, por emanarem aspectos referenciais e contextuais organizados a partir da interação social e verbal, revestem-se de complexidade. Isso implica dizer que os textos empíricos, em função de seu estatuto semiótico, congregam questões de ordem semântica, léxico-sintática,

¹ Doutora. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas (DCH) da Universidade Federal de Lavras (Ufla). helenaferreira@dch.ufla.br

² Doutora. Professora Adjunta do Departamento de Ciências Humanas (DCH) da Universidade Federal de Lavras (Ufla) patricialmeida@dch.ufla.br

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e Assistente em Administração da Universidade Federal de Lavras (Ufla) jaciluz.fonseca@prgdp.ufla.br

paralinguística e discursiva, o que complexifica os processos de análise das composições textuais. (BRONCKART, 2012).

Assim, na análise da diversidade de textos que circulam na nossa sociedade (redimensionada pela disseminação das tecnologias de comunicação e informação), os aspectos linguísticos e não linguísticos apresentam-se de modo inextricável, uma vez que se organizam, discursivamente, para o processo de produção de sentidos. Dessa feita, estudar a linguagem em seus aspectos semióticos é considerar seus modos de produção de sentido, ou seja, como provocam significações e evocam interpretações. Nessa perspectiva, imagens e palavras são consideradas signos, pois exprimem ideias e provocam na mente daquele ou daqueles que o percebem uma atitude interpretativa. (JOLY, 2012). Nesse sentido, os elementos verbais e os elementos não verbais apresentam especificidades e leis próprias de organização e comportam, simultaneamente, processos de significação particulares e interdependentes. Assim, destacamos que as escolhas realizadas no processo de produção dos textos instauram pontos de vista dos enunciadores e buscam orientar o leitor no percurso de leitura.

Embora Bronckart (2012)⁴ não tenha se ocupado detidamente no estudo de recursos imagéticos, consideramos que as discussões empreendidas por ele podem iluminar uma discussão acerca dos textos multissemióticos, proposta eleita para discussão neste artigo. Desse modo, para fins de delimitação do nosso trabalho, elegemos como objeto de estudo a análise dos mecanismos enunciativos em textos que apresentam diferentes modos semióticos⁵, buscando identificar quais são os elementos não verbais que evidenciam o posicionamento do agente-produtor, levantando hipóteses sobre os efeitos de sentido.

Neste artigo, apresentaremos a análise dos elementos constitutivos de duas campanhas educativas, considerando signos verbais e imagéticos. Assim, a abordagem analítica aqui proposta se circunscreve no âmbito dos pressupostos teóricos defendidos pelo Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e pela Gramática do Design Visual (GDV). Iniciamos o artigo com a reflexão sobre os fundamentos do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2012), que destacam que as ações de linguagem se concretizam por meio de entidades genéricas (diferentes espécies de texto), que a escolha de elementos constitutivos dos textos está relacionada à arquitetura textual (infraestrutura, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos) e que as questões contextuais são exponenciais para a constituição dos textos empíricos. A seguir, teceremos considerações sobre os fundamentos teórico-metodológicos da Gramática do Design

⁴ Embora o ISD não tenha delineado uma abordagem de análise, especificamente, voltada a dimensão imagética, consideramos que a teorização desenvolvida por essa linha parece apresentar compatibilidade para um estudo das unidades paratextuais e supratextuais, uma vez que essa constituição é, notadamente, reconhecida pela teoria, como sendo constitutiva dos textos empíricos. Vale destacar que, em função da diversidade de gêneros de textos que circulam socialmente, tais elementos são considerados como constitutivos da organização composicional e discursiva dos textos e não como elementos complementares. Para Bronckart (2012, p. 80-81), “nos textos escritos, a leitura inicial permite identificar as unidades semióticas não verbais (quadros, imagens, esquemas, etc), que chamamos de unidades paratextuais; o estatuto dessas unidades assim como suas modalidades de articulação ao texto propriamente dito são objetos de análises específicas, que, entretanto, não serão apresentados neste livro (cr., para isso, Peraya e Nyssen, 1995). A leitura também permite observar os procedimentos supratextuais, de formatação da página (títulos, subtítulos, paragrafação) e de relevo (sublinhados, itálicos, negritos, etc.), que traduzem alguns aspectos dos procedimentos de planificação e/ou dos procedimentos enunciativos. Para os textos orais, de acordo com o grau de explicitude e de refinamento dos códigos de transcrição, a leitura permite observar alguns procedimentos supratextuais que aparecem equivaler aos de formatação e de ênfase dos textos escritos (silêncios, mudanças de tom, acentos prosódicos, etc).”

⁵ Para Kress (2010), modo é uma forma socialmente e culturalmente determinada que oferece recursos para criar sentidos, como: a imagem, a escrita, a música, o gesto e a fala, etc. Cada modo possui seu conjunto de recursos semióticos, que van Leeuwen entende como [...] as ações e os artefatos que usamos para nos comunicar, sejam eles produzidos fisiologicamente – com nosso aparelho vocal, com os músculos que usamos para criar expressões faciais e gestos, etc. - ou por meio de tecnologias – com caneta, tinta e papel; com *hardware* e *software* de computador, com tecidos, tesouras e máquinas de costura, etc. (VAN LEEUWEN, 2006, p. 3).

Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), que apresentam orientações para uma abordagem analítica de textos não verbais, evidenciando que a escolha dos signos e a construção dos discursos são dimensionadas por interesses específicos, que representam um significado escolhido por meio de uma análise lógica relacionada a um contexto social. Essa articulação se faz necessária, pois “as imagens nunca devem ser encaradas de maneira inocente e devem ser sempre analisadas considerando-se sua dimensão sócio-ideológica” (SANTOS; SOUZA, 2008, p. 4).

Para a análise, selecionamos duas campanhas educativas: Campanha Rio sem Homofobia (Governo do Rio de Janeiro) e Campanha de Trânsito (Governo Federal). Para fundamentarmos nossa discussão, compilamos os princípios basilares do ISD, de modo mais detalhado, os mecanismos enunciativos. Ainda, no intuito de dar conta da análise dos gêneros de texto selecionados, complementamos a proposta apresentada pelo ISD, para o estudo desta categoria, com os contributos de outra perspectiva teórica, que, no nosso entendimento, poderá iluminar a análise proposta: a Gramática do Design Visual, de Kress e Van Leuween (2006), que apresenta uma proposta para o estudo da sintaxe visual, com o intuito de descrever, de modo explícito e sistemático, os significados das regularidades encontradas em imagens produzidas na cultura ocidental, tornando-se um instrumento de apoio para os estudos linguísticos quando os objetos de análise forem textos/gêneros multissemióticos. Desse modo, pretendemos corroborar a tese de que os mecanismos enunciativos, considerados como mecanismos configuracionais responsáveis pela coerência interativa dos textos e pelo esclarecimento de posicionamentos enunciativos, são unidades semióticas que também podem figurar de modo implícito, não sendo, necessariamente, traduzidas por marcas linguísticas específicas, ou seja, podem ser inferidas no processo de leitura dos textos.

1. Interacionismo Sociodiscursivo

Os estudos na área do Interacionismo Sociodiscursivo dão suporte teórico para os pesquisadores poderem abordar os estudos da linguagem em suas dimensões discursivas e/ou textuais, considerando, principalmente, que os textos e/ou os discursos são manifestações das ações de linguagem humana em seu contexto. Segundo Bronckart (2012), a linguagem é uma atividade humana que se constitui em um contexto social, por isso, é considerada como uma ação significativa, pois é produzida a partir da socialização humana.

Especificamente sobre a ação de linguagem, enfatizamos que “(...) a noção de ação de linguagem reúne e integra os parâmetros do contexto de produção e do conteúdo temático, tais como um determinado agente os mobiliza, quando empreende uma intervenção verbal.” (BRONCKART, 2012, p. 99). Além disso, ressaltamos que uma ação de linguagem realizada por um agente pode servir de base de orientação para que esse agente possa fazer escolhas, entre os gêneros de textos disponíveis, do que melhor lhe convier em relação ao que deseja comunicar.

Nessa linha de raciocínio, o ISD tem como um de seus princípios estudar os efeitos das práticas de linguagem sobre o desenvolvimento humano e para isso organizou essas práticas sob forma de textos e/ou discursos. Essa organização determinou o modelo das condições de produção de textos e o modelo de arquitetura textual, e esses modelos servem de *corpus* de análise para diversos trabalhos de linguística ou da ciência do texto.

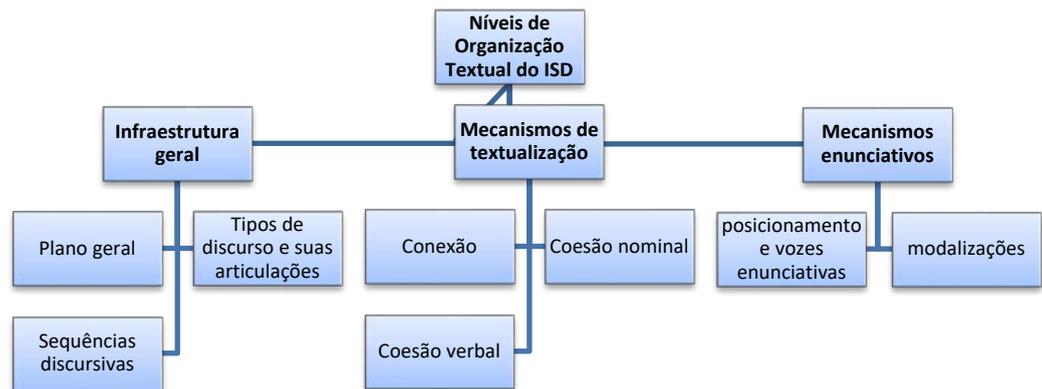
E é na perspectiva de estudos da estrutura e do funcionamento das diferentes espécies de textos em uso que pautaremos nossa análise, buscando estudar produções textuais específicas dentro de suas dimensões empíricas efetivas, tendo como foco uma análise da organização e do funcionamento do texto, levando em consideração o efeito que os textos e suas linguagens

verbais (e não verbais, mesmo não sendo foco da ISD) e seus significados multimodais exercem sobre seus receptores ou interpretantes.

Para tal, merecem destaque os níveis de organização textual. Segundo Bronckart (2012), são três os níveis de organização de um texto: da infraestrutura geral, dos mecanismos de textualização e dos mecanismos enunciativos. Em linhas gerais, o primeiro se configura por meio de um plano geral, dos tipos de discurso e suas articulações e pelas sequências que podem existir nesses discursos. O segundo está relacionado à coerência temática do texto, portanto, leva-se em consideração a linearidade do texto, tais como conexão (articulações da progressão temática), coesão nominal (introdução de temas e/ou personagens, ou garantia de retomada ou substituição no desenvolvimento do texto) e coesão verbal (organização temporal e / ou hierárquica dos processos verbalizados no texto). Já o terceiro – os mecanismos enunciativos, que são o destaque deste artigo – colabora efetivamente para ajudar o leitor a interpretar o texto, isto é, ele determina a coerência do texto em seu aspecto pragmático, mais conhecido como interativo.

Além do exposto acima, é importante apontar que os estudos do ISD concebem o texto como uma unidade comunicativa, produto da atividade de linguagem em funcionamento nos contextos sociais em que o agente produtor dele está inserido. Nessa dimensão, todo texto se inscreve necessariamente num gênero de texto (ou releva de um modelo de gênero).

Isto posto, temos a seguinte representação esquemática sobre os níveis de organização textual:



Tendo em vista o foco deste artigo, discorreremos sobre os mecanismos enunciativos. De acordo com Bronckart (2012), a dimensão enunciativa está relacionada à atribuição de responsabilidade pela enunciação e ao modo como os atores se posicionam diante dos enunciados, por meio de julgamento, opiniões e sentimentos, ou seja, sua avaliação a respeito de fatos ou de temas. Essa responsabilidade enunciativa pode evidenciar como o próprio enunciador é representado no texto e como são construídas suas representações. (FERREIRA, MELO, 2016). No contexto dos mecanismos enunciativos, merecem destaque as vozes enunciativas e a modalização.

Bronckart (2012) pontua que o estudo desses mecanismos se constitui como uma possibilidade de se perceber as diversas formas de posicionamento e de engajamento enunciativos construídos em grupo, de se situar em relação a essas formas, reformulando-as, o que faz com que esse processo contribua para o aperfeiçoamento de habilidades linguísticas e discursivas. As vozes enunciativas podem ser definidas, segundo Bronckart (2012, p. 326),

como “entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado.”

Discorrendo sobre o exposto, Leite (2009) destaca que, ao analisarmos um texto, a impressão primeira é que o autor ou o agente produtor do texto assume ou se posiciona em relação ao que é enunciado ou, então, atribui essa responsabilidade a terceiros, por meio de citações, segundo X, alguns pensam que, entre outras. No entanto, ao produzir um texto, o autor cria, automaticamente, um ou diversos mundos discursivos, cujas coordenadas, ou regras de funcionamento diferem das do mundo em que vive. É a partir desses mundos virtuais, especificamente instâncias formais que os regem (textualizador, expositor, narrador), que são distribuídas as vozes que atuam no texto.

Esclarecendo essa questão, Bronckart (2012) postula que, em qualquer texto, há a possibilidade de várias vozes infraordenadas em relação ao narrador/expositor se evidenciarem. Essas vozes podem ser reagrupadas em três categorias gerais: a) vozes de autores empíricos: procedem diretamente das pessoas que estão na origem da produção textual e que intervêm nessa produção para tecer comentários, esboçar opiniões, avaliar alguns aspectos do conteúdo enunciado; b) vozes dos personagens: procedem de seres humanos evocados nos textos (heróis presentes em cena em relatos, narrações e interlocutores implicados em um discurso interativo dialogado), ou de pesquisadores ou especialistas, postos em cena no discurso teórico ou de entidades humanizadas (ex: animais em cena em textos), diretamente implicadas na constituição temática do texto; c) vozes sociais: procedem de outros personagens, grupos ou instituições sociais, que não intervêm como agentes no percurso temático do texto, mas são mencionadas como instâncias externas de avaliação de aspectos do conteúdo textual.

Outro mecanismo enunciativo evocado por Bronckart (2012) refere-se às modalizações, que além de integrarem a organização configuracional do texto, podem contribuir para garantir a coerência pragmática ou interativa e para orientar a interpretação dos destinatários, evidenciando estratégias de mobilização do leitor para adesão à orientação recebida. Nessa direção, podemos elencar as quatro funções básicas desse mecanismo nas atividades de linguagem, a saber: lógicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas. Tais funções são caracterizadas pelo autor em sua materialidade linguística, ou seja, nas marcas que traduzem uma avaliação externa dos conteúdos temáticos.

As modalizações lógicas se circunscrevem no âmbito de uma avaliação de alguns elementos do conteúdo temático, apoiada em critérios do mundo objetivo e pautada em pontos de vista de suas condições de verdade, como assertividade, probabilidade, eventualidade, necessidade dos fatos. Exemplos: advérbios (talvez, necessariamente), verbos no futuro de pretérito (produziria) e estruturas oracionais (É evidente que).

As modalizações deônticas evidenciam uma avaliação de elementos do conteúdo temático, ressaltando valores, opiniões e regras estabelecidas pelo contexto social, apresentando os elementos de seu conteúdo do ponto de vista da obrigatoriedade ou de conformidade com as normas de usos. Exemplos: verbos no presente (deve, não deve, posso, não posso), estruturas oracionais (É lamentável que).

As modalizações apreciativas relacionam-se a processos de avaliação de alguns aspectos do conteúdo temático advindos do mundo subjetivo do mecanismo enunciativo da voz (fonte desse julgamento), qualificando-os como benéficos, infelizes, estranhos, etc., do ponto de vista do sujeito avaliador. Exemplos: advérbios (felizmente, infelizmente), expressões de interjeição (ai de mim!).

As modalizações pragmáticas direcionam-se para a explicitação de alguns aspectos da responsabilização de uma entidade (personagem, grupo, instituição, etc.) indicada pelo conteúdo temático em relação às ações de que é o agente, e atribuem a esse agente intenções, razões (causas, restrições, etc.) ou capacidades de ação. Exemplos: verbos no pretérito (quis, pode, pretendeu, pudesse, devia, não devia).

Nesse sentido, a discussão sobre a modalização implica considerar as marcas enunciativas deixadas pelo locutor no texto, no processo de interação verbal, uma vez que a produção de um texto se dá em função de um propósito comunicativo e de uma representação de um interlocutor. Assim,

qualquer ação implica um agente, que, ao fazer uma intervenção no mundo, mobiliza determinadas capacidades mentais e comportamentais que ele sabe que tem (um poder-fazer), determinados motivos ou razões que ele assume (o porquê do fazer) e determinadas intenções (os efeitos esperados do fazer); sendo que esses últimos parâmetros (capacidades, motivos e intenções) definem a responsabilidade assumida pelo agente em sua intervenção ou em sua ação (BRONCKART, 2012, p.19-20).

Em face do exposto, reiteramos que a modalização se constitui como um mecanismo enunciativo constitutivo dos textos, pois segundo Bronckart (2012, p. 145-6), "um texto não ganha sentido senão através da atividade de seus leitores, a qual reconstrói sentido a partir dos índices disponíveis na materialidade textual". Os textos que produzimos encontram-se condicionados por necessidades, interesses e objetivos concernentes às diferentes situações sócio-interativas em que, cotidianamente, estamos inseridos, revelando não somente uma direção no tratamento da informação, mas também, estratégias de interação com o(s) interlocutor(es). Esses elementos condicionadores, em conjunto com o lugar social ocupado pelo locutor, se mesclam com a presença de marcas enunciativas, com vistas a atingir o objetivo pretendido em cada ação de linguagem.

2. Caracterização dos textos não verbais

Para situar a nossa discussão, consideramos pertinente problematizar o lugar ocupado pelo texto não verbal nos estudos sobre a linguagem. De acordo com Morato (2008), tradicionalmente, encontramos na literatura uma dissociação entre texto verbal e imagem, como se fossem elementos de comunicação estanques. Além disso, é concedida primazia ao significante visual de natureza verbal, cabendo ao não verbal uma tarefa complementar no processo de significação, com o argumento de uma suposta exatidão das palavras. Nessa direção, a autora ressalta que "mesmo a palavra possui sua imprecisão derivada do uso que dela se faz ou do conhecimento que se tem dela. Qualquer tipo de signo é incerto nas possibilidades que tem de significar." (p. 15).

Com a disseminação de novos gêneros textuais, propiciada pela evolução das tecnologias de informação e de comunicação, a utilização de recursos de imagem (estática e em movimento) se ampliou, promovendo um uso mesclado de modos semióticos. Nesse sentido, destacamos, assim como reconhece Morato (2008), a importância de se proceder à análise de imagens nos estudos da linguagem, como mais uma possibilidade de se compreender a significação e também de se (re)pensar o conceito de texto.

Nessa busca de caracterização do texto não verbal como um integrante do processo de significação, a tarefa é tentar compreender como o componente não visual significa o que ele significa. Se a linguagem, na perspectiva do ISD, é mediação decisiva para a construção social da pessoa e de sua capacidade de agir, e, por dedução, das próprias atividades sociais, não há como desconsiderar os diferentes modos semióticos constitutivos dos textos que circulam socialmente.

De acordo com Ferreira e Melo (2016), as análises dos gêneros de textos, no quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo, se circunscrevem, predominantemente, no âmbito do texto verbal, sem um instrumental analítico formalizado e específico voltado para interpretação de elementos referentes às dimensões de significado multimodais do texto (imagens estáticas ou dinâmicas, sons, gestos e espacialidade). Segundo as autoras, há uma emergência de aprimorar os aportes adotados pelos pesquisadores dessa linha teórica às novas mídias digitais.

Essa posição é corroborada por Sahagoff e Gomes (2015), que pontuam que, embora o ISD não trate especificamente de textos não verbais, há nele suporte para refletir sobre eles. “Essa possibilidade vem pela concepção de agir, uma vez que, pelo ISD, podemos entender que todo agir tem como base uma linguagem, ou, no dizer de Bronckart, um jogo de linguagem.” (2012, p. 41). Para as autoras supracitadas,

A linguagem, no contexto do ISD, é entendida fundamentalmente como uma atividade social cujas práticas pressupõem um “agir dirigido a” que, por se tratar de um processo interativo, visa sempre a uma resposta. Assim, a linguagem é vista como processo ativo que se modifica constantemente para dar conta de diferentes demandas comunicativas, e como processo criativo que produz sempre novidades. Um ato de linguagem é sempre um falar a um outro. O resultado da atividade de linguagem é o texto: verbal, se for fruto de uma atividade que se processa pelo uso de um sistema linguístico; não verbal, se resultar da utilização de formas de linguagem não verbais.

Ao discutirem uma proposta de construção de um modelo didático para o estudo dos gêneros textuais, Stutz e Cristovão (2011, p. 577) fazem menção às capacidades de linguagem abordadas por Dolz e Schneuwly (2004) que dizem respeito às aptidões requeridas do aprendiz para a produção de um gênero numa situação de interação determinada. Para os autores, há três capacidades de linguagem: capacidade de ação (CA), capacidade discursiva (CD) e capacidade linguístico-discursiva (CLD), às quais as autoras acrescentam a capacidade de significação⁶. Embora tais capacidades sejam abordadas de modo complementar, destacamos aqui apenas a capacidade discursiva, que se relaciona diretamente às questões multissemióticas presentes nos textos e que possibilita ao leitor construir sentido a partir das representações feitas sobre as características próprias de cada gênero textual. Para as autoras, essa capacidade nos possibilita

(1CD) Reconhecer a organização do texto como layout, linguagem não verbal (fotos, gráficos, títulos, formato do texto, localização de informação específica no texto) etc. (2CD) Mobilizar mundos discursivos para engendrar o planejamento geral do conteúdo temático; (3CD) Entender a função da organização do conteúdo naquele texto; (4CD) Perceber a diferença entre formas de organização diversas dos conteúdos mobilizados.

Discorrendo sobre a questão da leitura dos diferentes gêneros textuais em sala de aula, Machado e Cristóvão (2006) também não ignoram a presença de elementos não verbais na reconstituição dos textos. As autoras elencam como elementos importantes na análise de um conjunto de textos:

a) as características da situação de produção (quem é o emissor, em que papel social se encontra, a quem se dirige, em que papel se encontra o receptor, em que local é produzido, em qual instituição social se produz e circula, em que momento, em qual suporte, com qual objetivo, **em que tipo de linguagem, qual**

⁶ Para aprofundamento, conferir Stutz e Cristovão (2011).

- é a atividade não verbal a que se relaciona**, qual o valor social que lhe é atribuído etc.);
- b) os conteúdos típicos do gênero;
- c) **as diferentes formas de mobilizar esses conteúdos**;
- d) **a construção composicional característica do gênero**, ou seja, o plano global mais comum que organiza seus conteúdos;
- e) o seu estilo particular, ou, em outras palavras: - as configurações específicas de unidades de linguagem que se constituem como traços da posição enunciativa do enunciador: (presença/ausência de pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, dêiticos, tempos verbais, modalizadores, inserção de vozes);
- as seqüências textuais e os tipos de discurso predominantes e subordinados que caracterizam o gênero;
 - as características dos mecanismos de coesão nominal e verbal;
 - as características dos mecanismos de conexão;
 - as características dos períodos;
 - as características lexicais. (grifos nossos)

Além disso, as autoras consideram que os gêneros de texto se constituem como artefatos simbólicos que se encontram à disposição dos sujeitos de uma determinada sociedade, mas que só poderão ser considerados como verdadeiras ferramentas e/ou instrumentos para seu agir quando esses sujeitos se apropriam deles, por si mesmos, considerando-os úteis para seu agir com a linguagem. Nesse sentido, o agir linguageiro se relaciona com as habilidades de recepção e produção de textos.

Bronckart (2012), abordando as interações em situação de trabalho, reconhece o caráter multicanal e plurissemiótico das ações de linguagem (gestos, olhares, mímicas e enunciados verbais). Essa conjugação “requer uma abordagem multimodal voltada para os mecanismos de orientação recíproca do agir verbal e do agir não verbal e para os efeitos dessa interdependência na elaboração das significações”. (p. 106)

Discorrendo sobre o exposto, podemos citar as capacidades multissemióticas. Propostas por Dolz (2015), categorizadas por Cristovão e Lenharo (no prelo) e reportadas por Lenharo (2016, p. 32), essas capacidades se relacionam aos seguintes critérios:

- (1CMS) Compreender as relações de sentido entre elementos verbais e não-verbais do gênero;
- (2CMS) Apreender os diferentes conhecimentos e sentidos que emergem de sons, vídeos e imagens;
- (3CMS) Reconhecer a importância de elementos não-verbais para a construção de sentidos;
- (4CMS) Relacionar elementos não-verbais com o contexto social macro que o cerca.
- (5CMS) Compreender os elementos semióticos na constituição do gênero.

Assim, os aspectos verbais e não verbais se entrelaçam significativamente na organização arquitetônica dos diferentes gêneros textuais, contribuindo para a apresentação de conteúdos temáticos e para a construção dos sentidos.

Para Vieira e Silvestre (2015, p. 76),

Não podemos ignorar a força da imagem, hoje viva na palavra e no discurso, corporificando-se na linguagem contemporânea. Em consequência, os discursos apresentam-se profundamente marcados pelo visual, sendo impossível dissociar a imagem do discurso, pois o uso dos computadores e dos avançados programas gráficos ensejam aos novos designers da linguagem infindáveis possibilidades de construir criativos discursos visuais. Assim, o papel da imagem faz mais do que dar vida ao discurso, pois ao colori-lo, provoca afetividade e emoção, direcionando a atenção do leitor ao propósito do discurso.

Em face do exposto, podemos reafirmar que os textos são formados pela utilização de diferentes linguagens (verbal ou não verbal) para a textualização do discurso. Assim, “o que é dito” apresenta-se assentado na conjugação de unidades linguísticas (fonemas/letras, morfemas, frases, parágrafos, textos) e/ou de construções imagéticas (gravuras, desenhos, fotografias, etc)⁷.

Com vistas a destacar as especificidades das composições imagéticas, destacaremos alguns princípios básicos da Gramática do Design Visual (GDV), que servirá de base para a nossa análise.

3. Gramática do Design Visual (GDV)

A GDV é uma teoria que advém da Linguística Sistêmico Funcional (LSF), a qual compreende a língua a partir das funções sociais que ela desempenha. Assim, a LSF, conforme proposto por Halliday (1985 apud NOVELLINO, 2007), estuda a forma como os indivíduos desenvolvem suas competências comunicativas e interagem a partir da codificação e decodificação de expressões linguísticas, construindo, para tanto, diferentes significados para a língua (NOVELLINO, 2007).

A LSF propõe, então, três funções para a linguagem: “(a) **ideacional** – função de representação das experiências do mundo exterior e interior; (b) **interpessoal** – expressão das interações sociais e (c) **textual** – expressão da estrutura e formato do texto” (NOVELLINO, 2007, p. 51, grifos da autora), as quais são realizadas de modo simultâneo na língua.

Kress e Van Leeuwen (2006) transpõem tais funções da LSF para a análise de imagens e propõem outros termos, defendendo que “as estruturas visuais assemelham-se às estruturas linguísticas, visto que aquelas também expressam interpretações particulares da experiência, além de se constituírem como formas de interação social” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006, apud SANTOS, 2010, p. 2). Dessa forma, as três funções da linguagem de Halliday, previamente apresentadas, são agora renomeadas como **representacional**, **interativa** e **composicional**, respectivamente.

Antes de compreendermos cada função, precisamos identificar quem participa dessa interação entre leitor e imagem. Quem a observa é denominado **participante interativo (PI)** e quem ou o que está representado na imagem chamamos **participante representativo (PR)**. Pimenta e Maia (2014) explicam que o PI diz respeito a pessoas reais, podendo ser tanto a que produz quanto a que observa a imagem. Já o PR são as pessoas ou objetos representados na imagem, desempenhando funções semióticas que podem ser as de ator, quando o vetor parte do PR; ou de meta, quando o vetor se volta para o PR. As autoras explicam, ainda, que os “vetores são aquilo que linguisticamente definimos como “verbos”. Nas imagens, eles são linhas visíveis ou imaginárias formados pelos corpos, ou membros, ou ferramentas em ação, e que indicam processos, os quais são de dois tipos: narrativos ou conceptuais” (PIMENTA; MAIA, 2014, p. 134). Tomando por base a posição das referidas autoras, vamos explicitar cada uma das três funções de linguagem propostas pela GDV.

⁷ De acordo com Joly (2012), foi necessário quase um século para que os pesquisadores se desvinculassem da profecia saussuriana e do que se chama de “a supremacia do modelo linguístico” para a análise de outros sistemas de signos, para estabelecer sua tipologia, encontrar as leis de funcionamento das suas diversas categorias. Assim, um “signo tem uma materialidade que percebemos com um ou vários de nossos sentidos. É possível vê-lo (um objeto, uma cor, um gesto), ouvi-lo (linguagem articulada, grito, música, ruído), senti-lo (vários odores: perfume, fumaça), tocá-lo ou ainda saboreá-lo. Essa coisa que se percebe está no lugar de outra; esta é a particularidade essencial do signo: estar ali, presente, para designar ou significar outra coisa, ausente, concreta ou abstrata.” (PEIRCE, 1978 apud JOLY, 2012, p. 32).

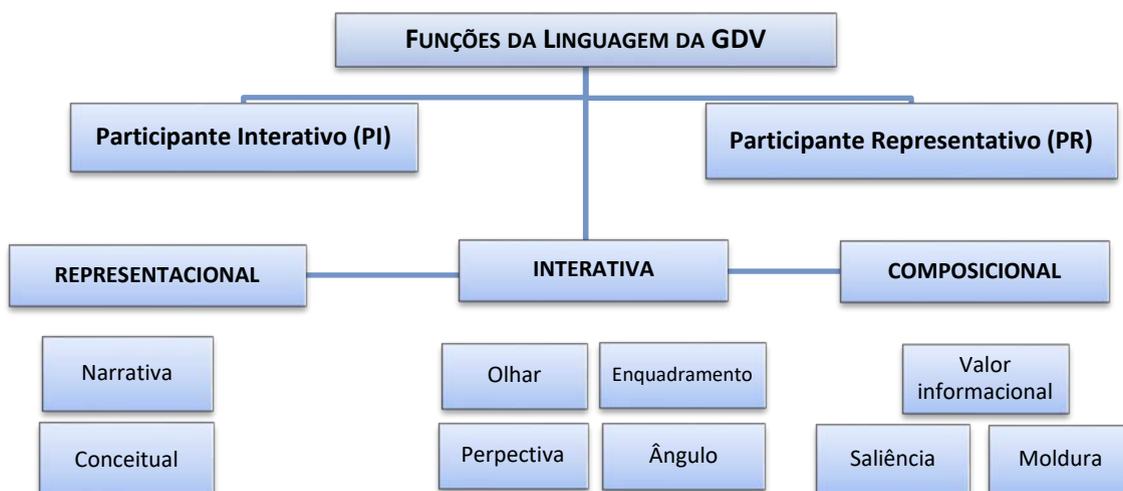
A função **representacional** (ideacional) advém da relação entre os PR, podendo ser uma *representação narrativa*, em que participantes se engajam em ações ou eventos (transacional) ou em que a ação não se dirige a outro participante (não transacional) (SANTOS, 2010). Pode haver, ainda, uma *representação conceitual*, em que os PR são mostrados de modo mais genérico, simbolizando algo (NOVELLINO, 2007).

Já a função **interativa** (interpessoal) é a relação que a imagem estabelece entre PI e PR. Tal interação é mensurada: pelo *olhar*, pelo *enquadramento*, pela *perspectiva* e pelo *ângulo*. Explicitando cada um deles temos: o *olhar* marca a maior ou menor aproximação entre PI e PR, sendo que a forma de ver pode ou não formar vetores. Se há a presença de vetor, há um contato pessoal entre PR e PI, se, contudo, o PR não olha para o PI, não há vetor de olhar, fazendo com que o PR seja um item de informação, um objeto para ser contemplado. (PIMENTA; MAIA, 2014).

Por sua vez, o *enquadramento* (ou distância social) tem a ver com a forma como o PR é mostrado na imagem, a qual pode demonstrar aproximação/intimidade (PR tem apenas o rosto mostrado ou é visto do ombro para cima), distância social média (PR mostrado da cintura para cima) ou afastamento (PR retratado de corpo inteiro, inclusive com o cenário que o envolve). Além disso, a presença de *perspectiva* indica subjetividade, enquanto a sua ausência demonstra objetividade. Há, ainda, o *ângulo*, que pode ser horizontal ou vertical e indica a forma como o PI vê o PR: ângulo frontal (PI e PR de frente) indica envolvimento; ângulo oblíquo (PR não fica de frente para PI) sugere imparcialidade; ângulo elevado (PI vê PR de cima) representa superioridade do PI; ângulo inferior ou baixo (PR vê PI de cima) confere poder ao PR; PI e PR estando na mesma altura de olhos simboliza igualdade. (PIMENTA; MAIA, 2014).

Quanto à função **composicional** (textual), ela é responsável pela integração entre elementos das funções representacional e interacional (NOVELLINO, 2007) e envolve: o *valor da informação*, a *saliência* e a *moldura*. O *valor informacional* tem a ver com a posição do elemento na imagem: do lado esquerdo ficam as informações dadas e, portanto, menos importantes; do lado direito fica o novo, as informações mais importantes; na parte superior, o ideal, a essência da informação; na parte inferior, o real, aquilo que é concreto, verdadeiro; no centro fica o núcleo da informação; e, na margem, informações complementares. Já a *saliência* é obtida pela relação, nos elementos que compõem a imagem, entre tamanho, cor, contraste, nitidez, brilho, perspectiva, sobreposição, etc. E, finalmente, a *moldura* pode ser observada pela presença ou ausência de quadros, linhas divisórias, (des)continuidades no uso de cor ou de forma, espaços vazios, etc. (PIMENTA; MAIA, 2014).

A GDV pode ser, portanto, esquematizada da seguinte forma:



Kress e Van Leeuwen (2006) destacam o caráter ideológico que tais elementos encerram. As combinações visuais reproduzem formas de organização da realidade, evidenciando interesses das instituições sociais em que as imagens são produzidas, circuladas e lidas. Além disso, em textos multimodais, é necessário considerar a complementariedade entre pistas verbais e elementos não verbais e, em casos de textos estritamente visuais, é preciso buscar inferências, a fim de se compreender o sentido expresso pelas imagens. Desse modo, a GDV será utilizada, então, para a análise dos mecanismos enunciativos imagéticos, no que concerne aos diferentes recursos: cores, detalhes, iluminação, posição dos elementos, etc., de duas peças de campanhas educativas governamentais, para exemplificarmos como a GDV se concretiza. Tal abordagem será associada aos pressupostos do ISD, no que concerne à teorização sobre os mecanismos enunciativos da parte verbal das propagandas.

4. Procedimentos de análise de textos multissemióticos: um estudo de campanhas educativas

No momento inicial de nossa análise, as questões que se instauram são: De que modo as vozes enunciativas e o fenômeno da modalização se configuram nos textos não verbais? Quais são as avaliações explicitadas a respeito do conteúdo temático apresentado pelos textos? Quais são as instâncias que assumem ou que se responsabilizam pelas informações?

Conforme pontuado anteriormente, a dimensão enunciativa está relacionada à atribuição de responsabilidade pela enunciação e ao modo como os atores se posicionam diante dos enunciados, por meio de julgamento, opiniões e sentimentos. Essa responsabilidade enunciativa pode evidenciar como o próprio enunciador é representado no texto e como são construídas suas representações. (FERREIRA; MELO, 2016). No contexto dos mecanismos enunciativos, merecem destaque as vozes enunciativas e a modalização. Para Bronckart (2012, p. 319), os mecanismos enunciativos

[...] contribuem para a coerência pragmática do texto, explicitando, de um lado, as diversas avaliações (julgamento, opiniões, sentimentos) que podem ser formuladas a respeito de um ou outro aspecto do conteúdo temático e, de outro, as próprias fontes dessas avaliações: quais são as instâncias que as assumem ou que se “responsabilizam” por elas?

Para Leal e Pinto (2009), é possível analisar as modalizações em quaisquer asserções, mesmo não instanciadas por marcadores linguísticos, pois esse fenômeno enunciativo pode figurar implicitamente nos diferentes tipos de textos. Nesse sentido, uma análise da organização arquitetônica do conteúdo dos textos em relação aos aspectos multimodais, em que cores, formas, sons, movimentos, tipos de letra, fonte, distribuição gráfica do conteúdo, etc. se entrelaçam significativamente na organização do conteúdo temático em conjunto com a linguagem verbal, pode desvelar pontos de vista. Dessa forma, embora os recursos semióticos não verbais atuem do ponto de vista enunciativo e argumentativo de forma diferenciada nos diferentes gêneros textuais (em consonância com os recursos verbais), a combinação de linguagens leva o leitor a articular pontos de vista e convocar discursos, estabelecendo percursos interpretativos.

4.1. Um lugar tão bonito como o Rio não combina com homofobia⁸

⁸ Rio sem homofobia. Disponível em: <http://www.novasb.com.br/trabalho/rio-sem-homofobia/>. Acesso em: 13 dez. 2017.

UM LUGAR TÃO MARAVILHOSO COMO O RIO NÃO COMBINA COM HOMOFOBIA.
RESPEITE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS.



RIO SEM HOMOFOBIA É UMA INICIATIVA DO GOVERNO DO RIO DE JANEIRO. MAS PODE SER A SUA TAMBÉM.
Como qualquer forma de preconceito, a homofobia deve ser combatida em todos os lugares e, por isso, o Governo do Rio está lançando o Rio sem Homofobia. Uma iniciativa inédita que vai contar com vários setores do governo e promover a cidadania e a conscientização da sociedade. Afinal, respeitar a diversidade é um dever de todos. Faça parte do Rio sem Homofobia. A População LGBT merece seu respeito.

DISQUE CIDADANIA LGBT
0800 0234567
www.riosemhomofobia.g.gov.br

 RIO SEM
HOMOFOBIA

 GOVERNO DO
Rio de Janeiro
SOMANDO FORÇAS

SECRETARIA DE
ASSISTÊNCIA SOCIAL
E DIREITOS HUMANOS

SUPERINTENDÊNCIA DE
DIREITOS INDIVIDUAIS
COLETIVOS E DIFUSOS

A peça acima fez parte de uma campanha intitulada *Rio sem homofobia*, que foi veiculada no estado do Rio de Janeiro em 2011. Destacamos que não temos a pretensão de recensar as diversas significações que podemos inferir dos recursos e das situações, mas buscamos tentar recuperar as leis de organização dos diferentes tipos de signos e seus processos de significações e as marcas de posicionamentos dos agentes-produtores.

Considerando os mecanismos enunciativos verbais que a campanha apresenta, temos, no cabeçalho, o *slogan* da campanha: “Um lugar **tão maravilhoso** como o Rio **não combina** com homofobia. **Respeite** Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais”. Aqui, o advérbio intensificador “tão” sugere um juízo de valor, uma avaliação, evidenciando uma estratégia linguística com vistas à adesão do produtor ao que ele diz, indicando uma modalização apreciativa. Na asserção “não combina com homofobia”, podemos encontrar um exemplo de modalização lógica, já que essa é uma expressão que, segundo Bronckart (2012), evoca a avaliação de um elemento, tomando-o como certo. O efeito de sentido parece se direcionar para uma busca de associação entre a beleza do Rio de Janeiro e o respeito à homofobia, o que incita o leitor (população) a adotar uma cultura de aceitação da diversidade, já que ambiente é bastante acolhedor. Em seguida, temos o verbo “respeite”, no imperativo, que indica uma modalização do tipo deontica, já que transmite a noção de uma indicação, uma ordem, uma obrigação social. Desse modo, as vozes enunciativas se mesclam entre a voz do autor (publicitário), vozes dos personagens (pessoas trans que sofrem preconceito) e vozes das instâncias sociais (organizações governamentais). Assim, a responsabilização pelo dizer se desloca do produtor do texto e se direciona para os agentes públicos que, apesar de, muitas vezes, não participarem da construção do texto, assumem o discurso enunciado. No caso em pauta, as vozes dos personagens não se circunscrevem às quatro mulheres trans, mas ao grupo de pessoas que são discriminadas por questões ligadas ao gênero e à sexualidade.

No rodapé da campanha, as frases: “Rio sem homofobia é uma iniciativa do governo do Rio de Janeiro. Mas pode ser a sua também” indicam o enunciador da campanha (o governo do Rio de Janeiro) e incitam o engajamento do leitor para a adoção de atitudes de respeito e de aceitação das diferenças. A frase “Mas **pode** ser sua também”, constituída por um verbo auxiliar modal “poder” no presente do indicativo, evidencia uma modalização deôntica. Em consonância, o texto inserido na parte inferior da campanha mantém o uso de verbos que transmitem a noção de ordem, pedido, sugestão, conforme marcado abaixo:

Como qualquer forma de preconceito, a homofobia **deve** ser combatida em todos os lugares e, por isso, o Governo do Rio está lançando o Rio sem homofobia. Uma iniciativa inédita que vai contar com vários setores do governo e promover a cidadania e a conscientização da sociedade. Afinal, respeitar a diversidade **é um dever** de todos. **Faça** parte do Rio sem homofobia. A população LGBT **merece** seu respeito. (Campanha educativa 1).

O uso de expressões como em “deve”, “é um dever”, “faça” e “merece” representa exemplos de como a escolha por modalizadores deônticos contribuem para a intenção comunicativa do gênero campanha educativa, que é convencer, sensibilizar o leitor, nesse caso, a população do Rio de Janeiro de modo geral, que se constitui o público-alvo da campanha. Considerando os enunciados dispostos no rodapé da campanha, parece-nos possível afirmar que a voz enunciativa em destaque se circunscreve na voz do autor (produtor), já que a escolha da 3ª pessoa representa o responsável pela campanha (governo do Rio de Janeiro, vários setores do governo).

No entanto, discursivamente, esse autor não assume o seu dizer. Nesse sentido, podemos considerar a existência de uma voz neutra. Segundo Bronckart, (2012, p. 151), é possível admitir a existência de dois mundos: mundo “real” representado pelos agentes humanos (mundo do autor empírico) e o mundo criado pela linguagem (mundo discursivo). Ainda que as representações mobilizadas pelo autor na mobilização de uma ação de linguagem estejam localizadas no mundo do autor empírico, é no mundo discursivo que se processam as operações de responsabilidade enunciativa. Assim, a voz do autor é “apagada” e substituída por uma instância geral de enunciação, que se evidencia na existência de um textualizador: voz “neutra”, que pode se configurar em narrador, se se tratar de uma narrativa e expositor, se se tratar de uma exposição. (ARAÚJO; SULEMI, 2011).

Não apenas os elementos textuais são matéria de significação e transmissão de informação em uma propaganda. Tão importante quanto os elementos verbais são os elementos não verbais, e a forma como eles se organizam, em harmonia com os elementos verbais, contribui para que o gênero atinja o seu objetivo.

Buscando articular as dimensões verbais e não verbais, recorreremos, para a nossa análise, às concepções de Kress e Van Leeuwen (2006), no que se referem à organização dos elementos imagéticos. Para os autores, a função representativa é desvelada pelos participantes interativos (PI), que são o produtor da campanha (publicitário, o governo do Estado do Rio de Janeiro, e o público-alvo dessa campanha: a população do Estado), e pelos participantes representados (PR), que são as personagens das ações (quatro mulheres trans, tranquilas e felizes). Aqui, a novidade que se apresenta é o público-alvo da campanha, que, do ponto de vista discursivo, apresenta notoriedade no processo de produção dos textos. Se a voz enunciativa é indiciada pela presença de marcadores de responsabilidade enunciativa, constatamos que o autor (publicitário) apresenta uma tendência bastante recorrente nos gêneros publicitários, ou seja, a de não assumir o discurso. Cabe ao produtor a função de idealizar e de organizar o discurso, transferindo a responsabilização para uma instituição (empresa, governo etc.). Outra questão digna de nota refere-se ao fato de as mulheres trans serem apresentadas como se estivessem em ação – caminhando. Essa ação representa uma luta em prol de um grupo de pessoas travestis e

transexuais. Desse modo, o texto não verbal se configura como marcador de uma voz – a dos personagens – “implicados na qualidade de agentes, nos acontecimentos ou ações constitutivas do conteúdo temático de um segmento de texto” (BRONCKART, 2012, p. 327).

A função interativa, mencionada por Kress e Van Leeuwen (2006), pode ser observada pelo distanciamento entre PR e PI, já que o vetor de ação do olhar das PR não se dirige ao PI, mas volta-se para dentro da imagem, às próprias PR, fazendo com que essas personagens representem um item de informação. Além disso, o enquadramento de corpo todo, bem como com a representação do cenário de fundo, evidencia uma distância social completa, não há uma tentativa de criar intimidade com as personagens. Já a presença de perspectiva revela subjetividade, com a noção de profundidade expressa pelo fato de o fundo da cena ser um local aberto e público, um ponto turístico do Rio de Janeiro (a Estação Central do Brasil). Em sintonia com esses elementos está o ângulo de visão, frontal e tendo PR na mesma altura dos olhos do PI, o que indica a ideia de envolvimento e de igualdade. Aqui, a responsabilização enunciativa se configura pela presença de elementos do espaço público, que corrobora a ideia evidenciada no *slogan*. A escolha de quatro mulheres trans para compor a imagem evidencia a diversidade, já que elas não se limitam a representação de si, mas de um grupo de minoria de pessoas transgêneras.

No que se refere à função composicional, temos, ao centro, o núcleo da informação: as mulheres trans, tema da campanha; da mesma forma, estando na parte central-superior da imagem, a representação de mulheres trans, caminhando tranquilas e felizes pela rua, é indicada como situação ideal, tendo, na parte inferior da campanha, a assinatura do PI e as informações concretas: dados institucionais como um telefone para contato, as logomarcas da campanha *Rio sem homofobia* e as relacionadas ao governo do Rio de Janeiro. Destaque, nesse ponto, para a logo da campanha *Rio sem homofobia*, que relaciona as cores da bandeira dos direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT+) à silhueta dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca, com o bondinho, tradicional ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro. As mesmas cores e silhueta, agora em branco, são utilizadas como moldura da imagem, em consonância com as cores da bandeira LGBT+⁹. O aspecto da saliência pode ser visto no equilíbrio entre o fundo com a Central do Brasil, com cores mais opacas, que ressaltam a iluminação das quatro mulheres, em primeiro plano.

Os elementos não verbais que compõem a campanha também funcionam como modalizadores que buscam, por meio dos signos linguísticos, estabelecer uma interação entre quem produziu a campanha (publicitário e o governo do Rio de Janeiro) e o público-alvo dessa campanha (a população do Estado). Tal interação objetiva criar uma aproximação entre leitor e elementos representados, já que é por meio da identificação que a campanha educativa, guardando semelhanças com os gêneros publicidade e propaganda, procura convencer o leitor e vender um produto ou uma ideia (SABAT, 2001).

No caso dessa campanha, o objetivo é disseminar uma imagem de respeito a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. A identificação procura ser criada por meio das imagens representadas: a começar pelo cenário, um espaço público conhecido, com o qual as pessoas do estado e, mais especificamente, da cidade do Rio de Janeiro se identificam: a Central do Brasil. A partir daí, busca-se uma identificação com as mulheres trans, as quais são representadas de modo casual, o que se pode notar pela roupa que usam e pela ação que desempenham.

Em suma, em uma perspectiva sociointeracionista, em que buscamos articular o ISD e a

⁹ Há que se fazer aqui uma ressalva: na verdade, existe uma bandeira específica do orgulho trans, a qual é composta por cinco faixas, nas cores azul claro, rosa claro e branca. Entende-se, contudo, o uso das sete cores da bandeira do orgulho LGBT+, pois há uma identificação maior com a simbologia que essas cores representam e a campanha *Rio sem homofobia* teve, ainda, peças específicas voltadas para lésbicas e gays.

GDV, pontuamos que o texto verbal analisado apresenta uma articulação intrínseca com o texto não verbal. Assim, considerando as vozes enunciativas, ou seja, as “entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado”, podemos inferir que, na campanha analisada, o agente responsável (governo) pelo texto assume ou se posiciona em relação ao que é enunciado (defesa do respeito à homofobia), seja por meio de estratégias verbais (uso de advérbio intensificador, marcador de comparação, uso de verbos imperativos, emprego de negações sentenciais), seja por meio de estratégias não verbais (cenários, elementos constitutivos, enquadramentos etc.). Desse modo, podemos constatar diferentes vozes: a) autores empíricos: representados pelo publicitário; b) vozes dos personagens: representadas pelas mulheres trans, evocadas na campanha e que estão diretamente implicadas na constituição temática do texto; c) vozes sociais: representadas pelas instituições sociais (governo do Rio de Janeiro, Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos e Superintendência de Direitos Indivíduos, Coletivos e Difusos) e pelos movimentos LGBT, que não intervêm como agentes no percurso temático do texto, mas são mencionadas como instâncias externas de avaliação de aspectos do conteúdo textual. Como podemos notar, as vozes enunciativas não se restringem aos enunciados verbais, mas são inferidas a partir dos diversos componentes imagéticos: mulheres trans, logomarcas, bandeira LGBT.

Já a modalização parece ser evidenciada por meio dos elementos constitutivos: a) lógicas: utilização de mulheres trans e de um lugar famoso como referências para a construção das condições de verdade; b) deônticas: utilização da bandeira LGBT (referência ao movimento) e da formatação estrutural própria do gênero campanha publicitária (elementos constitutivos) como mobilizadores para incitação para ação (mudança de comportamento); c) apreciativas: utilização de elementos do cenário que evoca aspectos do mundo subjetivo: céu azul, nuvens claras, praça pública, limpeza do ambiente etc., que incitam o engajamento com a causa defendida; bem como o uso de letras maiúsculas (destaque para a importância do conteúdo); d) pragmáticas: utilização da logomarca como forma de responsabilização pelo conteúdo temático do texto, dos lugares (sem indicação nomeadamente explícita) como forma de identificação. Desse modo, compreendemos que as vozes enunciativas e das modalizações dos enunciados verbais se fusionam com a dimensão não verbal, uma vez que os elementos imagéticos se configuram como um importante mecanismo para o processo de produção dos sentidos e para a constituição das intencionalidades.

Para encerrar a nossa discussão, destacamos que os aspectos enunciativos da GDV contribuem para a análise de textos não verbais. Assim, a escolha por elementos constitutivos (mulheres trans, bandeira LGBT, praça pública, estação, bondinho) e seus modos de organização (letras maiúsculas e negritos, olhares, expressões faciais, indicação de movimento de caminhada, perspectiva, cores naturalísticas, cor branca, ângulo e enquadramento) evidencia a asserção feita pelo locutor, possibilitando o compartilhamento de sensações, sentimentos, ou seja, a adesão do leitor à causa defendida pela campanha. É possível inferir que é uma imagem metafórica que representa um grupo de minorias. Embora não haja intercambiamento de olhares, o envolvimento entre os participantes é sugerido por meio do ângulo frontal, que estabelece igualdade de poder. Por fim, no que tange à modalidade, observa-se que há intenção de imprimir credibilidade à mensagem por parte do produtor, uma vez que as cores são naturalísticas; há apelo sensorial, pois se busca, por meio da verdade visual, a provocação sentimental, ou seja, um apelo emocional. O fato de as personagens representadas estarem em posição central - núcleo da informação - evidencia uma hierarquização dos elementos. A projeção em primeiro plano da imagem das personagens carrega o sentido global da campanha. Os elementos são dispostos na composição imagética de modo colaborativo para a constituição dos sentidos.

4.2. Aprender a comer¹⁰



De acordo com a ISD, segundo Bronckart (2012), as informações verbais são provenientes do autor do texto que, como agente da ação da linguagem, cuja função é concretizar o texto empírico, determinou o conteúdo temático – o trânsito – que foi semiotizado. Podemos observar que as informações verbais – apresentadas em destaque no texto: "Aprender a comer" e "Só é natural na primeira vez" – introduzem o conteúdo temático abordado pela campanha. No entanto, a construção das frases “aprender a comer” e “só é natural na primeira vez”, de modo polarizado, fragmentado e diagramado em espaços diferenciados, evidenciam que o texto não verbal é determinante para a produção dos sentidos. Assim, é possível encontrar a ocorrência da modalização lógica, marcada pelo emprego delimitador “só” e evidenciada pela imagem que atribui verdade à proposição enunciada, uma vez que há um apoio na realidade social concreta.

Se analisarmos a presença de vozes enunciativas, teremos aqui a voz do publicitário, que assume a responsabilização pelo dito. No entanto, essa voz do autor se mescla com a voz das instâncias sociais, que, de certo modo, fazem assunção pela responsabilidade da campanha, uma vez que se trata de uma ação empreendida por agentes públicos, emanada de políticas de prevenção de acidentes de trânsito. Além dessas informações verbais, existem outras que estão no rodapé da propaganda, a saber:

Não deixe um acidente obrigar você a reaprender. **Seja** você a mudança no trânsito. Um acidente **pode deixar** marcas para sempre. Você **sabe o que fazer** para evitar essa tragédia: **basta obedecer** as leis e as regras de boa convivência no trânsito. A redução de acidentes **começa** em você. (Campanha educativa 2).

Tendo como referência as palavras negritadas, é possível perceber a ocorrência da modalização deôntica: "**Não deixe**" e "**Seja**", transmitindo, assim, a noção de obrigação social que se deve ter em relação ao conteúdo temático da propaganda. Já em "**pode deixar**", constatamos um exemplo de uma modalização lógica, pois, em seu contexto, ela pode

¹⁰ Aprender a comer. Disponível em: <http://www.sanremodespachante.com.br/governo-lanca-campanha-contra-violencia-no-transito/>. Acesso em: 13 dez. 2017.

representar ou uma condição de verdade, ou ainda uma possibilidade. As últimas expressões negritadas "**sabe o que fazer**", "**basta obedecer**" e "**começa**" são modalizações pragmáticas, devido ao seu tom de responsabilidade em relação ao conteúdo temático, bem como à evocação da capacidade de ação do agente. Essas modalizações, em particular, reforçam a intenção comunicativa do gênero campanha educativa, que é sensibilizar o leitor de sua responsabilidade para com o bem-estar do próximo. O locutor, por meio da modalização, pode, portanto, se expor totalmente, parcialmente ou tentar eximir-se de qualquer vínculo com o que profere. A modalização presente no texto contribui para um direcionamento do sentido dos enunciados, o que afeta, de modo direto e explícito, o outro – o interlocutor, mobilizando-o para um engajamento em relação ao dito e promovendo uma orientação para a interpretação.

Considerando o gênero campanha educativa em questão, vale lembrar que a informação não verbal desse tipo de gênero normalmente tem como função básica impactar de forma mais imediata o leitor. Segundo Joly (2012, p. 131), “as imagens mudam os textos, mas os textos, por sua vez, mudam as imagens.” Ressaltamos que, de acordo com a GDV, os mecanismos enunciativos imagéticos fazem com que o leitor volte o seu olhar para as cores, os detalhes, a iluminação, a posição dos elementos da imagem, entre outros aspectos que podem ser levados em questão.

Nesse momento, é preciso retomar da teoria apresentada neste artigo quanto às relações do gênero textual com os agentes que participam da interação, a saber: o participante interativo (PI) – aquele que produz e aquele a quem se destina o texto – e o participante representativo (PR) – quem ou o que está representado no texto. Nessa propaganda, temos como PI o publicitário e o Governo Federal do Brasil e, mais especificamente, o seu departamento de trânsito (Denatran), que produziram a campanha, a qual se destina à população brasileira de modo geral que, por isso, também é PI. As PR, por sua vez, são a criança e a jovem Wellen Nascimento. Aqui, as vozes enunciativas se mesclam, pois os produtores (publicitário e governo federal) se apresentam de forma conjunta, com uma responsabilização enunciativa focada no agente público. As vozes das personagens, evidenciadas por meio da demonstração de satisfação (por parte da criança) e de sofrimento (por parte da jovem), constituem-se como estratégias argumentativas para o engajamento por parte do leitor. Aqui, a função representacional, evidenciada por meio da ação não verbal de “alimentar-se”, nos dois contextos semióticos da imagem, mobiliza o leitor para uma identificação com as PR.

Na sequência, temos como foco de análise a função interativa (interpessoal – entre PI e PR). Observando a imagem da propaganda, constatamos que os PR foram dispostos com um olhar não diretamente direcionado para o leitor. Essa opção desvela que não se busca uma intimidade entre os participantes, mas uma representação de uma situação. Assim, a alegria da criança iniciando o seu aprendizado e o sofrimento da jovem sendo ajudada por alguém no processo de reabilitação trazem uma aproximação direta entre PI e PR, por meio do “choque” visual que a imagem causa, ao informar a necessidade de se ter cuidado no trânsito. Podemos inferir que o produtor da propaganda tenta aproximar o observador da imagem da realidade implícita na campanha, sem envolvê-lo com intimidade no problema ou afastá-lo totalmente de uma possível situação que qualquer motorista pode vir a causar.

No que diz respeito à função composicional, consideramos que é bem nítida, na propaganda em questão, a divisão entre as informações, pois, no lado esquerdo, temos a informação dada (já conhecida, cotidiana), que é a naturalidade de uma criança aprendendo a comer e, no lado direito da propaganda, temos a informação nova (mais importante), para a qual o PI deseja chamar a atenção. Na parte inferior, temos informações reais (texto e logomarcas) que se desejam destacar. Essa escolha não nos parece ser isenta de intencionalidades. Analisando a propaganda em seu aspecto longitudinal, temos, na parte superior, uma faixa preta com a legenda – uma informação verbal – que contém a essência da informação e, na parte inferior, outra faixa preta com outra informação verbal que expressa o real. Em outros termos,

essa legenda deixa clara uma informação direta: a partir do momento em que não se respeita o trânsito, consequências ruins podem surgir. Considerando ainda o aspecto longitudinal da informação não verbal, isto é, as imagens, vale destacar que as faixas pretas são separadas por tarjas, as quais fazem menção à faixa de pedestres, levando o leitor a inferir sobre a importância de se respeitá-la.

Percebemos que o tamanho entre as imagens segue o mesmo padrão, mas a cor é um elemento que chama a atenção. Temos a imagem colorida, à esquerda, em que o amarelo é utilizado para dar destaque à situação dada como "natural" no cotidiano social e por sugerir "atenção" no trânsito; e os tons de cinza, ao lado, para determinar a situação posta ("não natural"), causada pelo desrespeito às leis de trânsito. Em outros termos, podemos inferir que o PR quis mostrar ao leitor que a vida perde "a cor" a partir do desrespeito ao próximo, quando ferimos as leis de trânsito, causando danos, talvez irreversíveis, a outrem. Soma-se a isso a linha divisória, no meio da propaganda, como principal recurso de contraste. As faixas longitudinais e a tarja laranja, no final, também cumprem com essa função.

Nesse sentido, podemos corroborar a posição de Kress e Van Leeuwen (2006, p.4), segundo a qual "os textos multimodais são vistos como produção de significado em múltiplas articulações" e evidenciam diferentes modos semióticos que contribuem para a organização textual e para a construção dos sentidos.

Após as análises apresentadas, podemos perceber que não são somente os mecanismos enunciativos verbais que determinam como um gênero e suas funções atingem o PI - interlocutor. As escolhas feitas pelo produtor da campanha para apresentar a informação podem mobilizar diferentes modos semióticos, evidenciar a sua responsabilidade para com o que é dito, para direcionar a interpretação da informação por parte do leitor.

No que diz respeito às vozes enunciativas, observamos que o produtor posiciona-se em relação ao conteúdo enunciado (convencimento sobre cuidados no trânsito), seja por meio de estratégias verbais diversas (proposição de assertivas afirmativas, proposições injuntivas negativas, construções injuntivas indicação de probabilidade, marcas de interlocução direta, emissão de proposições que evidenciam certeza), seja por meio de estratégias não verbais (elementos constitutivos, cores, enquadramentos, moldura). Desse modo, podemos constatar diferentes vozes: a) autores empíricos: representados pelo produtor da campanha (no caso, normalmente, é representada por uma agência que é contratada para tal fim); b) vozes dos personagens (PR): representadas pela criança e pela moça, evocadas na campanha e diretamente implicadas na constituição temática do texto (a criança representa a fase da infância; a moça representa jovens e adultos); c) vozes sociais: representadas pelas instituições sociais (Denatran, Ministério das Cidades e Governo Federal), que não intervêm como agentes no percurso temático do texto, mas que podem ser considerados como responsáveis pela enunciação. Como podemos notar, as vozes enunciativas não se restringem aos enunciados verbais, mas são inferidas a partir dos diversos componentes imagéticos: criança, moça, movimento das mãos, colher/prato, faixa de trânsito. Aqui, a voz do autor empírico não se evidencia explicitamente, uma vez que se trata de uma campanha educativa proposta por órgãos governamentais que adotam ações para o desenvolvimento de políticas públicas direcionadas para a educação no trânsito. Embora o publicitário (profissional que cria a campanha) seja predominantemente o responsável pela escolha do conteúdo temático a ser semiotizado (cuidados no trânsito), pelo modelo de gênero próprio a uma determinada situação de comunicação, pela seleção e organização das sequências textuais, e pelo gerenciamento dos diversos mecanismos de textualização, etc.; o autor que se revela é aquele que é responsável pela totalidade das operações que darão ao texto seu aspecto definitivo, ou seja, o governo.

No que tange às modalizações, considerando os aspectos não verbais podemos constatar a presença dos seguintes recursos: a) uso de cores: preta: destaque para a mensagem; preto/branca: morte, isolamento, medo, solidão; amarela/laranja: atenção (trânsito); b) imagem

criança/jovem: evidência das diferentes situações de aprendizagem de uma atividade cotidiana (alimentar-se), com ênfase nas dificuldades em processos de recuperação de acidentes; c) expressões faciais: representação da situação (alegria/tristeza); d) moldura: contraste entre duas situações; e) uso de recursos tipográficos (maiúsculas, negrito). A utilização de imagens enriquece o tratamento dado ao conteúdo temático e serve para orientar a interpretação dos destinatários, que poderão aderir ou não à orientação recebida. Além disso, consideramos que a imagem da esquerda (criança) como informação dada e a imagem da direita (jovem) evidencia uma informação que merece atenção – algo a ser evitado. Nesse contexto, a saliência e a moldura são elementos constitutivos da imagem, que assumem relevância para a constituição dos sentidos, uma vez que atraem a atenção do leitor.

Na perspectiva de Van Leeuwen (2006), a tipografia, as cores, as molduras, a saliência, os ângulos são fontes semióticas multimodais com a função comunicativa de representar ideias, atitudes e estabelecer coerência. Assim, podemos considerar que os diferentes modos semióticos se constituem como recursos utilizados pelos produtores das campanhas para causar um efeito sobre o outro nas ações de linguagem.

Nessa acepção, segundo Joly (2012, p. 48),

Demonstrar que a imagem é de fato uma linguagem, uma linguagem específica e heterogênea; que, nessa qualidade, distingue-se do mundo real e que, por meio de signos particulares dele, propõe uma representação escolhida e necessariamente orientada; distinguir as principais ferramentas dessa linguagem e o que sua ausência ou presença significam; relativizar sua própria interpretação, ao mesmo tempo, que se compreendem seus fundamentos: todas garantias de liberdade intelectual que a análise pedagógica da imagem pode proporcionar.

Em face do exposto, a análise das formas de organização e dos efeitos dos diferentes recursos semióticos revela-se produtiva para a compreensão dos textos, uma vez que os recursos linguísticos e imagéticos concorrem para a construção de uma significação e para a apreensão de pontos de vista.

Conclusão

Considerando o contexto atual, marcado pelo uso cada vez mais recorrente das tecnologias de comunicação e informação na sociedade, a leitura de um texto precisa considerar, não apenas os seus elementos verbais, mas também os não verbais e a forma como eles, ao se inter-relacionarem, evidenciam o posicionamento do produtor do texto. Além disso, interpretar um texto requer saber identificar quais são os efeitos de sentido decorrentes de tal relação e como os mecanismos enunciativos são utilizados para que um texto atinja o seu objetivo.

A escolha por duas campanhas educativas adveio do fato de ser esse um gênero multissemiótico, que se utiliza tanto da linguagem verbal quanto da não verbal para atingir o seu objetivo comunicativo. Por meio da análise empreendida, foi possível constatar que a relação entre palavras e imagens possibilita entendê-las como mecanismos enunciativos que concorrem para a coerência textual e para a aproximação entre produtor e leitor.

Por meio de tal análise, buscamos mostrar, com este artigo, que os gêneros que circulam na sociedade da informação expandiram suas formas composicionais, articulando elementos verbais e não verbais. Nesse sentido, consideramos importante analisar as influências desses elementos na constituição dos sentidos, na demonstração do posicionamento do enunciador, nas vozes enunciativas e na orientação para a interpretação por parte do leitor. Desse modo,

podemos romper com a tradição de uma supremacia do texto verbal e para uma consideração das potencialidades discursivas dos elementos não verbais. Esperamos com o nosso estudo possa contribuir para o aperfeiçoamento teórico-metodológico de professores de línguas, e, por extensão, para a formação de leitores proficientes, ou seja, de leitores que sejam capazes de mobilizar as diferentes capacidades de linguagem e de apreender os sentidos das múltiplas relações semióticas constitutivas dos textos.

Enunciative mechanisms constitutive of the multisemiotic texts texture: An analysis proposal

ABSTRACT: The objective of this article is to identify which are the non verbal elements that evidence the positioning of the agent-producer, raising hypotheses about the effects of sense in two educational campaigns. In order to achieve this goal, we performed a qualitative and descriptive research, having as theoretical contribution the analysis of the enunciative mechanisms of these campaigns, considering both, verbal and imaginary signs, based on studies on ISD, Bronckart (2012), and in the theoretical precepts of GDV, with Kress and Van Leeuwen (2006). Thus, we corroborate the assertion that the enunciative mechanisms are elements responsible for the interactive coherence of the texts and for the clarification of the enunciative author's position.

Key-words: Sociodiscursive Interactionism; Grammar of Visual Design; Multissemey; Reading.

Referências

ALVES, E. M. S. A.; SULEMI, O. P. D. S. F. C. U. **As vozes enunciativas na produção escrita dos alunos do ensino fundamental**. In: XIX Semana de Humanidade, 2011, Natal. Disponível em:

<http://www.cchla.ufrn.br/shXIX/anais/GT15/ARTIGO%20ELZA%20SEMANA%20DE%20HUMANIDADES.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2016.

BRONCKART, J-P.. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. 2. ed. São Paulo, SP: EDUC, 2012.

FERREIRA, A. O.; MELO, G. C. V. Análise de textos multimodais da Web e o ISD. **DELTA**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 1-21, Apr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502016000100004. Acesso em: 11 dez. 2016.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2012.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. Edward Arnold, 1985.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 5th. London and New York: Routledge, 2006.

LEAL, A, PINTO, R. **A modalização nos gêneros textuais icônico-verbais**. Estudos Linguísticos/Linguistic Studies, 3, Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2009, pp. 319-332.

Disponível em:

http://www.clunl.edu.pt/resources/docs/revista/n3_fulltexts/3s%20audria%20leal%20et%20al.pdf. Acesso em: 11 dez. 2016.

LENHARO, R. I. **Participação social por meio da música e da aprendizagem de língua inglesa em um contexto de vulnerabilidade social**. Londrina, 2016. 149 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2016.

LEITE, A. M. R. V. B. **Os mecanismos enunciativos no estudo de contos brasileiros em livros didáticos para o ensino médio**. Belo Horizonte, 222f. Tese (Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

MACHADO, A. R; CRISTOVÃO, V. L. L. A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, v. 6, n. 3, p. 547-573, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/linguagem-em-discurso/0603/060309.pdf>>.

MORATO, E. F. **Análise semiótica dos textos pictóricos do mestre Ataíde**. 2008. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG. 2008.

NOVELLINO, M. O. **Fotografias em livro didático de inglês como língua estrangeira: análise de suas funções e significados**. 2007. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10597/10597_5.PDF. Acesso em: 12 dez. 2016.

PIMENTA, S. M. de O.; MAIA, D. G. Multimodalidade e letramento: análise da propaganda Carrossel. **Desenredo**, v. 10, p. 12-20, 2014.

SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Rev. Estud. Fem.** vol. 9, n.1, p. 04-21, 2001.

SAHAGOFF, A. P. da C; GOMES, N. M. T. O agir comunicativo em linguagem não verbal, **Cenários**, Porto Alegre, n.11, jan-jul. 2015.

SANTOS, F. R. da S.; SOUZA, M. Aspectos multimodais em editoriais da Veja. In: Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação, II, set. 2008, Recife. **Anais**. Recife: NEHTE-UFPE, 2008, p. 1-16.

SANTOS, Z. B. As considerações da gramática do design visual para a constituição de textos multimodais. **Revista Interletras**, v. 2. n. 12. ago. 2010/fev. 2011. Disponível em: http://www.unigran.br/interletras/ed_anteriores/n12/ASCONSIDERACOESDAGRAMATICADODESIGNVISUAL.doc. Acesso em: 12 dez. 2016.

STUTZ, L. ; CRISTOVÃO, V. L. L. . A construção de uma sequência didática na formação docente inicial de língua inglesa. **Signum**. Estudos de Linguagem, v. 14, p. 569-589, 2011. Disponível em: < www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/8578/9195 >.

VAN LEEUWEN, T.. **Introducing social semiotics**. NovaYork: Routledge, 2006.

VIEIRA, J.; SILVESTRE, C. **Introdução à multimodalidade**: Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.